

O DISCURSO DA CULTURA NAS NARRATIVAS ESCOLARES DA CAPOEIRA

Reuel Pereira Marely

RESUMO

A discussão sobre cultura se faz muito presente no âmbito do discurso da capoeira e sua inserção no ambiente escolar. Buscamos aqui a identificação de um discurso legitimador da capoeira, bem como a presença da questão da cultura entre esse discurso legitimador. O presente estudo faz parte de uma pesquisa em andamento. Adotamos aqui a metodologia de revisão bibliográfica, buscando um diálogo entre os autores que tratam do assunto. Concluímos que o termo cultura é bastante usado para legitimar a capoeira nas aulas de Educação Física, e havendo um grande impasse quanto ao seu conceito.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Capoeira, Cultura.

ABSTRACT

The discussion about culture is very present within the discourse of capoeira and its inclusion in the school area. We look for a identification of a legitimacy discourse of capoeira and the presence of the issue of culture between the legitimate discourse. This study is part of a research in progress. We adopted here the methodology of literature review, seeking a dialogue between the authorities dealing with the matter. We conclude that the term culture is often used to legitimize the capoeira in physical education classes, and there is a great dead-lock regarding this concept.

Keywords: Scholar Physical Education, Capoeira, Culture.

RESUMEN

El debate sobre la cultura está muy presente en el discurso de la capoeira y su inclusión en el ámbito escolar. Buscamos una identificación de un discurso la legitimidad de la capoeira y la presencia de la cuestión de la cultura entre el discurso legítimo. Este estudio es parte de una investigación en curso. Adoptamos aquí la metodología de revisión de la literatura, la búsqueda de un diálogo entre las autoridades se ocupan de la cuestión. Llegamos a la conclusión de que el término cultura se utiliza a menudo para legitimar la capoeira en las clases de educación física, y hay un gran impasse en relación con este concepto.

Palabras clave: La Educación Física de La Escuela, Capoeira, Cultura.

Introdução

De origem bastante controversa e caracterizada por sua expressão através de um misto de jogo, arte, luta, dança, brincadeira, teatralização, enfim, a capoeira é uma prática que cada vez mais se faz presente em diversos âmbitos, incluindo-se o escolar,

como manifestação cultural ou componente da cultura corporal de movimento¹. Segundo Falcão (2005), no seu processo de desenvolvimento a capoeira vem conquistando inúmeros espaços outrora inimagináveis. Ela é, na atualidade, uma manifestação cultural conhecida em praticamente todo o mundo e está presente no currículo de Educação Física de várias universidades brasileiras. Se antes eram as maltas, hoje são os grupos que hegemonicamente estruturam o seu processo de organização. Nesse movimento ela extrapola a condição de uma prática puramente corporal, indo desde uma atividade de lazer até uma atividade inserida no campo profissional, como é o trabalho do mestre de capoeira.

É natural denominarmos a capoeira como uma manifestação cultural popular brasileira², advinda de uma classe social dominada, e se configura num importante instrumento de aplicação na escola, inserida nas aulas de Educação Física. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), um dos documentos orientadores para o ensino da Educação Física nas escolas, relata que a capoeira, sendo advinda da raça negra, é repleta de significações socioculturais diferentes das classes dominantes, possuindo um vasto patrimônio cultural que deve ser conhecido, valorizado e desfrutado pela Educação Física escolar, o que poderá contribuir para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que delem fazem parte. Souza e Oliveira (2001, apud Almeida, 2008) enfocam que a prática da capoeira na escola possibilita a contemplação de múltiplos enfoques, que possibilitam, a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo, devendo ser ensinada globalizadamente, deixando que o aluno identifique-se com os aspectos que mais lhe convier. Sua prática na escola possibilita o desenvolvimento de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, como autonomia, cooperação e participação social, postura não preconceituosa, entendimento do cotidiano pelo exercício da cidadania, historicidade, etc. No aspecto motor, especificamente, a capoeira deve ser reconhecida como uma alternativa rica para o desenvolvimento das estruturas da criança. Vale ressaltar ainda, segundo os autores supracitados, que o ensino dos movimentos deverá ser acompanhado da transmissão dos elementos que envolvem sua cultura, história, origem e evolução, ao mesmo tempo que deverá ser estimulada a integração com outras disciplinas do contexto escolar, a fim de que o educando tenha uma participação efetiva no contexto da capoeira como um todo.

Entretanto, para a inserção da capoeira na escola, deve-se “passar um filtro” em seus conteúdos, ou seja, realizar um minucioso processo de transposição didática, a fim de “escolarizar” a capoeira da escola³. Segundo Falcão (1999), é impossível

¹ Esse termo, extraído da obra “Metodologia de Ensino da Educação Física”, do Coletivo de Autores (1992), é utilizado para denominar um “acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”, p.38. Apesar desse termo ser considerado “alienígena” no campo das ciências sociais, antropologia e outras ciências que abordam a noção de cultura, é amplamente usado no campo de estudo da Educação Física, por isso a sua adoção.

² Esse conceito baseia-se nas abordagens realizadas por Canclini, 1983, e Chauí, 1988 (apud Silva, 2001). Neste conceito leva-se em conta que as manifestações culturais populares advêm de uma classe social determinada no sistema econômico-social em que vivemos, no qual se pressupõe uma *luta de classes*.

³ A idéia de “capoeira da escola” é conceituada aqui como uma capoeira transformada, escolarizada, a fim de que atenda plenamente à função da escola e da disciplina de Educação Física, de acordo com as

compreender o atual contexto da capoeira na escola sem antes analisar os seus condicionantes históricos. Levando-se em consideração o processo de surgimento, pode-se afirmar que a capoeira teve uma origem bastante diferente da maioria das outras modalidades desportivas hoje praticadas nas escolas. É importante observar que a capoeira surgiu no bojo das camadas menos favorecidas da população, apresentando, portanto, uma linguagem bastante diferenciada das demais modalidades em questão. De fato, a capoeira da escola deve escapar ao princípio do rendimento e aprimoramento técnico, visto que isso foge à função da escola. Ela deve, sim, agregar de forma bastante inter-relacionada aspectos históricos, sócio-econômicos e culturais que se refletem e se reatualizam na sua própria prática (FALCÃO, 1999, p. 173), sempre de uma forma lúdica e divertida, tida pelo autor como “vadiação”.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, que busca relatar os discursos legitimadores da capoeira nas aulas de Educação Física. O estudo pauta-se no método de revisão bibliográfica, buscando a realização de um diálogo entre autores da área da Educação Física e Ciências Sociais, no que diz respeito à questão da cultura e como a mesma aparece nos discursos acerca da capoeira escolar. Para tal, analisamos algumas publicações de referência dessas áreas, num esforço de proporcionar um diálogo entre esses autores. Foram feitas algumas leituras de alguns artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, um periódico importante da área da Educação Física, mais alguns livros sobre capoeira, escolarização e cultura. Com essa “bagagem”, pensamos ser possível o início desse debate.

Capoeira e Cultura: aproximações com o cotidiano escolar

O conceito de cultura vem sofrendo múltiplas tentativas de definição, e tem ganhado muito destaque na Educação Física brasileira nos últimos anos, a partir de abordagens das Ciências Humanas. Porém, não há um consenso no que tange à definição de tal conceito. A título de exemplo, a cultura pode ser a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística (CHAUÍ, 1994, apud DAOLIO, 2005). Já Clifford Geertz (1989, apud DAOLIO, 2005), utilizando uma metáfora de Max Weber, define a cultura como sendo uma teia de significados, que dá sentido e orienta a vida de todos os homens em todos os momentos.

Falcão (1999) afirma que a escolarização da capoeira surge como um esforço de valorização das manifestações da cultura popular brasileira a partir das instituições escolares, e que ela (a capoeira) incorpora a problemática da modernização cultural do Brasil, onde se percebe uma grande articulação das manifestações culturais com o mercado capitalista, fato que dificulta a análise do processo de cooptação das manifestações culturais pelas classes dominantes. Em outras palavras, a capoeira vem “quebrar” o paradigma dominante na escola, que são as modalidades esportivas implantadas pela cultura dominante em detrimento de uma cultura dominada. Entretanto, Cucho (2002) nos alerta que falar de “cultura dominante” e “cultura dominada” implica em recorrer a metáforas, pois na realidade o que existe são grupos sociais em relação de dominação ou subordinação uns com os outros. Nesta perspectiva,

metodologias críticas de ensino, no caso a formação de uma consciência crítica do sujeito, apto a exercer plenamente sua cidadania, desconstruindo o paradigma da aptidão física e esportiva, de mera reprodução do sistema vigente (capitalismo), caracterizado pela competição, mercadorização e consumo.

a cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada⁴. A análise da dominação cultural é diferente da dominação social, pois as relações entre símbolos não funcionam segundo a mesma lógica. Uma cultura dominante não pode se impor totalmente a uma cultura dominada como um grupo pode fazê-lo com outro mais fraco. A dominação cultural nunca é garantida, por isso deve ser acompanhada de um trabalho para inculcar essa dominação, pois sofrê-la não significa aceitá-la.

Almeida (2008) realizou um estudo de análise dos discursos identitários da capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, onde nos relata que [...] a palavra cultura tem sido utilizada em diferentes contextos sem que sejam apresentadas as devidas distinções conceituais. Atualmente, para além do espaço acadêmico, esse termo adquiriu potência na defesa de grupos étnicos, no financiamento de projetos e na agregação de valor aos variados produtos de entretenimento (música, esporte, dança, artesanato, artes corporais em geral etc.). Cultura significa, nesses espaços sociais, afirmação e legitimação de identidades. Neste caso, a cultura é qualificada como “étnica”, “nacional”, “regional” e frequentemente englobada pelo rótulo de “cultura popular” (p.172). A autora observa que [...] o conceito de cultura popular foi, de certa forma, reificado nos espaços do debate acadêmico e das lutas para afirmação de identidades. Ao popular atribuiu-se o valor da resistência à dominação, de expressão do puro e original e da liberdade. Nesse sentido, as manifestações identificadas com a cultura popular sofrem influências desses valores e significados quando transformadas em objetos de estudo no campo das ciências sociais.

Ainda sobre a análise de tais discursos, Almeida (2008) ressalta que, por se tratar de uma revista tradicionalmente ligada à Educação Física, na RBCE existem artigos que tomam a capoeira como conteúdo de ensino na escola⁵, indicando que nos artigos analisados a idéia de cultura pode assumir os significados de patrimônio nacional, de identidade e de saber popular que deve ser incorporado ao currículo escolar para uma educação de tipo crítica e sendo pressionada por necessidades de legitimação de determinadas áreas de atuação profissional.

Em uma análise mais profunda acerca da questão da legitimação da capoeira na escola, a autora afirma que [...] o discurso da capoeira como patrimônio da cultura nacional articula, por um lado, as idéias de resgate e preservação em nome da perda ou da ameaça de descaracterização e, por outro, indica que a preservação dessa “arte-luta” deve se dar pela incorporação dessa prática nos currículos escolares. Observe-se que as formas de legitimação da capoeira no espaço contestado do currículo se baseia no argumento que a introdução e valorização da cultura popular na escola por si só representa a construção de uma “nova escola” que atende as demandas do corpo e mente do brasileiro. [É observada aqui] [...] a utilização do pressuposto de que a escola se torna democrática ao incorporar a capoeira, ou seja, a cultura popular em seu currículo. Além disso, a capoeira seria uma prática que levaria a romper com a dicotomia presente no pensamento ocidental do corpo e mente. A estratégia de identidade⁶, mais uma vez, está presente.

⁴ Porém não pode desconsiderar a cultura dominante.

⁵ Como havíamos tratado anteriormente.

⁶ O conceito de estratégia [de identidade] indica “[...] que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais” (CUCHE, 2002, p.196).

A questão da identidade está geralmente atrelada ao conceito de cultura, pois entre elas há uma forte associação. Porém, como nos alerta Cuche (2002), não devemos confundir as noções de cultura e identidade cultural, ainda que entre as duas haja uma forte ligação. A cultura pode existir sem consciência de identidade, enquanto as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura, que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. Sendo assim, Cuche (2002) indica que a cultura pode ser socializada de tal forma que se incorpora aos esquemas de ação dos atores sociais de modo quase inconsciente. Em contrapartida, as identidades são acionadas e afirmadas sempre a partir de uma vinculação consciente e normativa em relação ao “outro”. A identidade é, portanto, uma forma de atribuir significado aos grupos e coletividades ao mesmo tempo em que estabelece distinção ou exclusão de um “outro” nesse processo. A identidade pode ser vista também como um meio para atingir um objetivo. Cuche (2002) nos diz que a identidade não é absoluta, mas relativa. Ela se une ao conceito de estratégia, onde o indivíduo, enquanto ator social, dispõe de certa margem de manobra. Ele utiliza, então, seus recursos de identidade de maneira estratégica, mediante sua avaliação da situação. Porém, as estratégias devem necessariamente levar em conta a situação social, a relação de força entre os grupos, as manobras dos outros, etc. A identidade é sempre resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou indivíduo afirma por si mesmo. De uma maneira mais geral, o conceito de estratégia pode explicar as variações de identidade, que poderiam ser chamados de deslocamentos de identidade. Ele faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação. A identidade se constrói, desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social lava-a a se reformular de modo diferente. As políticas quilombolas, políticas de cotas, entre outras, mostram-se como estratégias de identidade. No âmbito escolar, também são perceptíveis algumas estratégias de identidade, em que alunos outorgam a si próprios determinada identidade para uma maior aceitação no grupo ao qual estão inseridos.

Conclusão

Longe de esboçar qualquer tipo de conclusão sobre o presente debate, visto que o mesmo se configura num estudo deveras amplo e faz parte de uma pesquisa ainda não concluída, observamos que o emprego do termo cultura nos discursos sobre escolarização e legitimação da capoeira nas escolas se mostra um tanto quanto confuso, devido ao impasse conceitual instaurado pelas diferentes ciências que estudam tal conceito. A nós resta, portanto, um aprofundamento neste rico debate, que se mostra desafiador àqueles que se interessam pelas questões aqui introduzidas.

Referências:

ALMEIDA, J. A. A reflexividade nos discursos identitários da capoeira. Dissertação de Mestrado. PPG/EF UFES. 2008.

ALMEIDA, J. A., SILVA, O. G. T., SOARES, A. J. G. Discursos Identitários da Capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). RBCE, v. 30, n. 1, p. 171-186, set. 2008.

AREIAS, ALMIR. O que é capoeira. São Paulo. Ed. Brasiliense. 2ª Ed. 1984.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAOLIO, Jocimar. Verbete CULTURA. In.: GONZÁLEZ, F. J., FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DARIDO, S. C., LÓRIO, L. S. Educação Física, Capoeira e Educação Física Escolar: possíveis relações. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. 4 (4): 137-143. 2005.

FALCÃO, J. L. C. A escolarização da capoeira. Brasília: Royal Court editora, 1996.

_____. O Processo de Escolarização da Capoeira no Brasil. RBCE . v. 16, n. 3. p. 173-182, Maio, 1995.

_____. Verbete capoeira. In: *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVA, P. C. C. Capoeira e Educação Física – uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. RBCE. v. 23. n. 1, p. 131-145, set. 2001.

SOUZA, S. A. R., OLIVEIRA, A. A. B. Estruturação da Capoeira como Conteúdo da Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. Sem. 2001.